

quanto da noite ressurge o esplendor solar, e que se
há flagelação e desespero, ante o infortúnio dos ho-
mens, fulgem, sempre puras e renovadas, a esperança
e a alegria, ante o glória de Deus.

IRMÃO X

Pedro Leopoldo, 30 de Outubro de 1957.



Contos e Apólogos

1

A capa de santo

Certo discípulo, extremamente aplicado ao Infinito Bem, depois de largo tempo, ao lado do Divino Mestre, recebeu a incumbência de servi-lo entre os homens na Terra.

Desceu da Esfera Superior em que se demorava e nasceu entre as criaturas para ser um carpinteiro.

Operário digno e leal, muita vez experimentou conflitos amargurosos, mas, fervoroso, apegava-se à proteção dos santos e terminou a primeira missão admiravelmente.

Tornou ao Céu, jubiloso, e recebeu encargos de marinheiro.

Regressou à carne e trabalhou, assíduo, em viagens inúmeras, espalhando benefícios em nome do Senhor. Momentos houve em que a tempestade o defrontou, ameaçadora, mas o aprendiz, nas lides do mar, recorria aos Heróis Bem-Aventurados e entesourou forças para vencer.

Rematou o serviço de maneira louvável e voltou à Casa Celeste, de onde retornou ao mundo para ser copista.

Exercitou-se, então, pacientemente, nos trabalhos de escrita, gravando luminosos ensinamentos dos sábios; e, quando a aflição ou o enigma lhe visitavam a alma, lembrava-se dos Benfeiteiros Con-

sagrados e nunca permaneceu sem o alívio esperado.

Novamente restituído ao Domicílio do Alto, sempre louvado pela conduta irrepreensível, desceu aos círculos de luta comum para ser lavrador.

Serviu com inexprimível abnegação à gleba em que renascera e, se as dores lhe buscavam o coração ou o lar, suplicava os bons ofícios dos Advogados dos Pecadores e jamais ficou desamparado.

Depois de precioso descanso, ressurgiu no campo humano para exercitar-se no domínio das ciências e das artes.

Foi aluno de Filosofia e encontrou numerosas tentações contra a fé espontânea que lhe sustentava a alma simples e estudiosa; todavia, em todos os percalços do caminho, implorava a cooperação dos Grandes Instrutores da Perfeição, que haviam conquistado a láurea da santidade, nas mais diversas nações, e atravessou, ileso, as provas difíceis.

Logo após, foi médico e surpreendeu padecimentos que nunca imaginara. Afligiu-se milhares de vezes ante as agruras de muitos destinos lamentáveis; refugiou-se na paciência, pediu o socorro dos Protetores da Humanidade e, com o patrocínio deles, venceu, mais uma vez.

Tamanha devoção adquiriu que não sabia mais trabalhar sem recurso imediato ao concurso dos Espíritos Glorificados na própria sublimação.

Para ele, semelhantes benfeiteiros seriam campeões da graça, privilegiados do Pai Supremo ou súditos favorecidos do Trono Eterno. E, por isso, prosseguiu trabalhando, agarrando-se-lhes à colaboração.

Foi alfaiate, escultor, poeta, músico, escritor, professor, administrador, condutor, legislador e sempre se retirou da Terra com distinção.

Vitorioso em tantos encargos, foi chamado pelo Mestre, que lhe falou, conciso:

— Tens vencido em todas as provas que te confiei e, agora, podes escolher a própria tarefa.

O discípulo, embriagado de ventura, considerou sem detença:

— Senhor, tantas graças tenho recebido dos Benfeiteiros Divinos, que, doravante, desejaria ser um deles, junto da Humanidade...

— Pretenderias, porventura, ser um Santo? — indagou o Celeste Instrutor, sorrindo.

— Sim... — confirmou o aprendiz, extasiado. O Senhor, em tom grave, considerou:

— O fruto que alimenta deve estar suficientemente amadurecido... Até hoje, na forma de operário, de artista, de administrador e orientador, tens estado a meu serviço, junto dos homens, mas, na capa de santo, permanecerás a serviço dos homens, junto de mim. Há muita diferença...

Mas o interlocutor insistiu, humilde, e o Mestre não lhe negou a concessão.

Renasceu, desse modo, muito esperançoso, e, aos vinte anos de corpo físico, recebeu do Alto o manto resplandecente da santidade.

Manifestaram-se nele dons sublimes.
Adivinhava, curava, esclarecia, consolava.

A inteligência, a intuição e a ternura nele eram diferentes e fascinantes.

E o povo, reconhecendo-lhe a condição, buscou-lhe, em massa, as bênçãos e diretrizes. Bons e maus, justos e injustos, ignorantes e instruídos, jovens e velhos, exigiram-lhe, sem consideração por suas necessidades naturais, a saúde, o tempo, a paz e a vida.

Na categoria de santo, não podia subtrair-se à luta, nem desesperar, e por mais que fôsse rodeado de manjares e flores, por parte dos devotos e beneficiários reconhecidos, não podia comer, nem dormir, nem pensar, nem lavar-se. Devia dar, sem reclamação, as próprias forças, à maneira da vela, mantendo a chama por duas pontas.

Não valiam excusas, lágrimas, cansaço e serviço feito.

O povo exigia sempre.

Depois de dois anos de amargosa batalha espiritual, atormentado e desgostoso, dirigiu-se em preces ao Senhor e alegou que a capa de santo era por demais espinhosa e pesava excessivamente.

Reparando-lhe o pranto sincero, o Mestre ouviu-o, compadecido, e explicou:

— Olvidaste que, até agora, agiste no comando. Na posição de carpinteiro, modelavas a madeira; lavrador, determinavas o solo; médico, ordenavas aos enfermos; filósofo, arregimentavas ideias; músico, tangias o instrumento; escultor, cinzelavas a pedra; escritor, dispunhas sobre as letras; professor, instruías os menos sábios que tu mesmo; administrador e legislador, interferias nos destinos alheios. Sempre te emprestei autoridade e recurso para os trabalhos de determinação... Para envergares a capa de santo, porém, é necessário aprender a servir... A fim de alcançares esse glorioso fim, serás, de ora em diante, modelado, brunido, aprimorado e educado pela vida.

E enquanto o Mestre sorria, complacente e bondoso, o discípulo em pranto, mas reconfortado, esperava novas ordenações para ingressar no precioso curso de obediência.



2

O candidato intelectual

Conta-se que Jesus, depois de infrutíferos entendimentos com doutores da Lei, em Jerusalém, acerca dos serviços da Boa-Nova, foi procurado por um candidato ao novo Reino, que se caracterizava pela profunda capacidade intelectual.

Recebeu-o o Mestre, cordialmente, e, em seguida às interpelações do futuro aprendiz, passou a explicar os objetivos do empreendimento. O Evangelho seria a luz das nações e consolidar-se-ia à custa da renúncia e do devotamento dos discípulos. Ensinaria aos homens a retribuição do mal com o bem, o perdão infinito com a infinita esperança. A Paternidade Celeste resplandeceria para todos. Judeus e gentios — converter-se-iam em irmãos, filhos do mesmo Pai.

O candidato inteligente, fixando no Senhor os olhos arguciosos, indagou:

— A que escola filosófica obedeceremos?
— Às escolas do Céu — respondeu, complacente, o Divino Amigo.

E outras perguntas choveram, improvisadas.

— Quem nos presidirá à organização?
— Nosso Pai Celestial.
— Em que bases aceitaremos a dominação política dos romanos?
— Nas do respeito e do auxílio mútuos.
— Na hipótese de sermos perseguidos pelo Sénátrio, em nossas atividades, como proceder?